

Pietrafesa, José Paulo; Silva, Sandro Dutra e.  
*Transformações no cerrado: progresso, consumo e natureza*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. 328p.

---

**Selma Simões de Castro**

Universidade Federal de Goiás

IESA – Campus Sambambaia, Goiania, GO, Brasil

74001-970

[selma@iesa.ufg.br](mailto:selma@iesa.ufg.br)

Recibido: 07 de marzo de 2012

Aprobado: 17 de marzo de 2012

---

O livro objeto desta resenha constitui uma coletânea de artigos que tratam das mudanças de uso e ocupação das terras do cerrado ocorridas nos últimos 20 anos e promovidas por políticas públicas e do setor privado, como o Plano Nacional de Agroenergia, que vem substituindo culturas e pastos, bem como remanescentes da cobertura vegetal nativa, à custa de impactos ambientais diversos que afetaram principalmente sua biodiversidade, solos, recursos hídricos e expandiram a economia agroexportadora anterior. Em particular, o livro enfatiza a expansão da cana-de-açúcar no cerrado, sobretudo da região sudoeste do estado de Goiás.

Para discutir esse assunto e suas derivações, os autores originados de formações diversas, compõem um quadro constituído por historiadores, sociólogos, geógrafos, economistas e legisladores, dentre outros, cujos olhares sobre o tema se integram numa visão multidisciplinar das questões. Os assuntos são agrupados em duas partes: I - Transformações no cerrado: progresso, consumo e natureza e II – Consumo e natureza.

Na primeira, os autores discutem a recente expansão do setor sucroalcooleiro/sucroenergético que vem se concentrando, sobretudo, no estado de Goiás, onde substituiu áreas de cultivo de grãos e de pecuária bovina extensiva (de corte principalmente), nem sempre numa perspectiva de MDL –

Mecanismo de Desenvolvimento Limpo e de sustentabilidade no seu sentido abrangente. Esclarecem, com dados contundentes, como esse processo vem mudando não só as paisagens nos campos, mas também a estrutura fundiária, as relações de trabalho, as dinâmicas urbanas e de municípios inteiros e suas microrregiões, além dos recursos hídricos, da logística e da economia. Tais transformações baseiam-se no aumento da produção de biocombustíveis, em particular do etanol da cana-de-açúcar, e numa fórmula estruturada a partir das usinas configurando-se em grandes complexos agroindustriais, em que uma concentração vertical e horizontal de segmentos da indústria sucroalcooleira e afins se multiplica de modo integrado.

Na segunda parte os autores discutem a questão das fronteiras agrícolas do cerrado ancorada fortemente na ótica da história ambiental. Exemplificam o consumo da natureza através de exemplos: o dos rios São Francisco e Araguaia, fortemente impactados que foram pelo processo de incorporação de suas terras ao sistema produtivo, principalmente na primeira grande fronteira agrícola do cerrado na década de 1970, alimentada pelas práticas da denominada 'revolução verde', exatamente o mesmo percurso por onde avança o cultivo da cana. Finalizam apontando uma das saídas possíveis para reverter o quadro de degradação que as terras sofreram, ao tratar da questão da regionalização do turismo em Goiás, que consideram uma atividade que pode ser responsável e contribuir para a sustentabilidade socioambiental.

É um livro cujos onze capítulos, ainda que vinculados à concepção geral da obra, têm 'vida própria' e podem ser assim lidos. Vale dizer que, não só podem ser esclarecedores para o público em geral, interessado no intrincado tema das mudanças recentes de uso do solo no cerrado, dos modelos seguidos e perseguidos e suas consequências, como também para estudantes de graduação e pós-graduação que precisam compreender bem esses aspectos ligados à história recente de nosso Brasil central e de sua nova fronteira agrícola, a canavieira, para melhor desenvolver seus trabalhos acadêmicos e científicos, dentro de uma visão crítica indispensável.

Essa ‘nova’ fronteira que se expande aceleradamente sobre um cerrado que já fora devastado na fronteira anterior, e em que pese o sucesso econômico alcançado que o tornou a região do agronegócio exportador de *commodities*, mas que se reafirma como um prolongamento vivo e dinâmico do sul e sudeste do país. Entender o porquê esse processo está acontecendo e porque a cana substituiu primeiramente as áreas agrícolas de grãos já consolidadas e só depois as pastagens, e diga-se que não necessariamente degradadas, é essencial para quem deseja entender porque e como as políticas associadas às fronteiras agrícolas vêm transformando e para que, para quem, os ambientes naturais, as cidades, a região. Isso fica claro no livro, como um dia de primavera cheio de sol.